

3.ª CARTA AO SR. DR.

1

N A minha 2.ª carta desenhiei a traços largos as correntes que conduzem ao conflito actualmente existente entre o pensamento filosófico científico e a metafísica. Vou-me esforçar, nesta terceira carta, por definir em suas linhas gerais este conflito, independentemente das condições históricas e sociais que nele influem. Mas é quasi impossível separar a questão do seu condicionalismo temperamental, tão dominante nela é este condicionalismo caracterológico. Devemos, de resto, considerar o conflito presente, apenas como uma acentuação momentânea de uma oposição formal do pensamento que se verifica em toda a história da humanidade, nítida tanto no pensamento grego como no pensamento hindu, chinês ou qualquer outro; a hegemonia de uma ou outra destas formas é mesmo uma das características fundamentais dos diferentes momentos ou modalidades do pensar nas civilizações:—a Grécia caracteriza-se, em parte, pelo nascimento do espírito científico sistemático; na Índia sempre dominou a especulação metafísica; e o que caracteriza essencialmente a civilização europeia é o desenvolvimento do espírito científico. Mas este desenvolvimento não se faz sem crises e sem que reacções metafísicas mais ou menos intensas apareçam de tempos a tempos. Esta oscilação é mesmo, segundo creio, uma das características mecânicas do desenvolvimento intelectual da humanidade na sua marcha da *étape* pre-lógica e metafísica para a forma mental científica.

O momento actual é, pois, uma acentuação histórica deste movimento. O conflito atingiu de resto uma forma suficientemente definida para se poder dar dele um desenho em rápido esboço.

//

A Metafísica renovou recentemente as suas velhas pretensões de dignidade superior às ciências, consideradas como qualquer coisa de filosoficamente inferior. Pretende para si um uposto «plano superior» «mais elevado ou profundo», de conhecimentos e de objectos. E' uma ambição antiga, já dos tempos da velha Grécia, que aparece nos tempos modernos em Kant, e depois, mais perto de nós, em Boutroux, Bergson e seus adeptos, para se continuar nos tempos actuais com vários metafísicos, particularmente alemães. São disso exponenciais típicos O. Spann e Heidegger, que deltam falas deste teor (1924, 1929):

«Não estou de nenhuma forma convencido nem da validade exclusiva dos processos matemáticos, baseados na quantidade, nem da impossibilidade de um método diverso do das ciências exactas. Penso, pelo contrário, que se deveria prestar aos processos científicos actuais uma parte considerável de filosofia natural, à maneira de Schelling, de Baader, de Hegel, de Oken, de Steffens, de Eschermayer, de Karl Ernst von Baer, e de muitos outros grandes investigadores. Não é senão por esses meios que as ciências poderiam, em toda a verdade, atingir a essência das coisas».

Assim fala Spann, enquanto Heidegger, por seu turno, pontifica: «E' simplesmente ridículo falar de objectividade da ciência e da sua superioridade enquanto ela não consentir em tomar o Nada a sério. E' evidente que é porque o Nada existe que a Ciência pode fazer do Ser o seu objecto. E' sómente porque a Ciência repousa sobre a metafísica que ela pode desempenhar com forças sempre novas a sua tarefa mais essencial que não é coleccionar e pôr em ordem os conhecimentos, mas reunir em uma síntese, sempre mais vasta, toda a verdade esparsa na natureza e na história. E' por isso que o rigor da ciência não consegue atingir a seriedade (!) da Metafísica e que não se poderá jámais medir a filosofia pelo estalão da ideia científica».

Assim, como diz Ph. Frank (Le principe de causalité et ses limites. Trad. Grévidan, 1937, Flammarion), «na Idade Média a filosofia era a serva da teologia; hoje quer, por vezes, fazer da ciência serva da filosofia. A antiga serva, enfiada com sua nova grandeza, põe-se à procura de criados para realizar a tarefa quotidiana, que julga muito abaixo da sua dignidade».

Esta retórica pretenciosa não faz mais do que repetir as pretensões análogas dos Boutroux, dos Bergson e outros filosofistas, igualmente obcecados pela megalomania metafísica. Esta exaspera-se por vezes, o que conduz os metafísicos e filosofistas a ataques directos, polémicos, agressivos, contra a ciência e o pensamento científico, e mesmo contra os chamados homens de ciência. Tais agressões surgem, por vezes, no próprio campo da ciência, onde não são raros os metafísicos disfarçados, inconscientes, impregnados de filosofismo, ou os místicos ingénuos que se deixam ir ao sabor

d e A B E L

dos fluxos e refluxos de momento.

Mas sempre, em todos os tempos, altos espíritos ergueram seus protestos contra estas ridiculas pretensões: bastará aqui citar a atitude de muitos filósofos gregos na defesa de uma atitude verdadeiramente científica contra a atitude animístico-teológica de Platão e Aristóteles, que se renova em nossos dias.

E' particularmente interessante recordar a atitude de Nietzsche—que sabia ser alternadamente pensador e poeta sem confundir as duas coisas—o qual já assim falava da «psicologia da metafísica»: «O mundo é aparente, logo existe um mundo real; cheio de contradicções, logo há um mundo sem contradicções... O que dita todas estas conclusões é o sofrimento; no fundo, deseja-se que haja um mundo real em que as coisas sejam diversas. Por ódio a um mundo que faz sofrer, imagina-se um outro e é assim que o ressentimento do metafísico contra o real se torna criador». E' exactamente este o ponto de vista actual da ciência e da psicologia a-proósito da metafísica, e Nietzsche não faz mais, nestas frases, do que dar uma explicação autística da metafísica. Mas vai mais longe ainda e afirma que «o mundo verdadeiro poderá ser o que se queira, mas é facto que não temos para ele nenhum órgão de conhecimento apropriado», atitude quasi análoga à da actual Escola de Viena. Frank comenta esta frase dizendo que poderemos mesmo perguntar por meio de que órgão do conhecimento pode ser apreendido tal mundo como um dos termos de uma oposição.

Mas Nietzsche vai mais longe ainda, e reconhece a atitude anti-científica dos metafísicos nas frases seguintes:

«Eis o mais extraordinário: desde os seus inícios, encontramos a filosofia grega em guerra contra a ciência e suas armas consistem em uma teoria do conhecimento: o ceticismo. E em proveito de quem trabalha ela?... da moral (pensai no seu ódio contra os físicos e contra os médicos). De resto os físicos chegaram a um estado de decadência tal que introduzem nos fundamentos da ciência uma teoria